



Natal (25/12/04)

1ª leitura (Antigo Testamento): Isaías 9.2-4, 6-7.

No tempo de Isaías, a população da Galiléia (norte) havia sido deportada para a Assíria. Por isso o profeta vê a terra de Zebulom e Naftali (8.21) como o reino das sombas e trevas. A um povo que andava em trevas, porém, Isaías anuncia a luminosidade da vinda do Messias. O nascimento do Messias, na esperança do profeta provocaria total inversão da situação: libertação do jugo, opressão e do bastão do opressor (todas referências geopolíticas), o fim das intervenções militares (botas e roupas manchadas de sangue – vs. 4). Os títulos utilizados para o Messias são os tradicionais títulos atribuídos aos reis de Judá. Não se trata de títulos ontológicos (os judeus não interpretavam ontologicamente esses títulos, a ponto de atribuir atributos aos reis), mas funcionais e relacionais. O Messias haveria de exercer os dons que os reis, embora possuindo os títulos, nunca conseguiram realizar. (CEBC).

2ª leitura (Epístola): Tito 2.11-14

A graça de Deus se manifestou (*epephane*) salvadora a todas as pessoas (ver, por ex., Gl 3.28). Ai está o sentido da seleção do texto para o Natal. A graça de Deus é a vida, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus voltados para a salvação da humanidade. É isso que é narrado e celebrado no Natal na forma de estórias, orações, hinos.

No texto selecionado essa graça tem efeito na relação entre as pessoas e no modo de viver e conviver em comunidade, isto é, em cidade. A graça toma a forma pedagógica, seguindo os planos de Deus em Cristo e o seu efeito é ressaltado por três termos: sóbrio, justo e piedoso, já consagrados, nos Cânones para a recomendação das pessoas na área eclesial, do candidato(a) para a ordenação com esses três termos. A sobriedade, moderação ou autocontrole têm a ver com a conduta sensível e começam com a pessoa, mas envolvem a relação com outrem da casa ou da comunidade, são partes do viver em casa, na cidade, isto é, da cidadania. Viver com justiça e retidão implica na integridade, confiabilidade e consideração pelo outro. Piedade se refere à relação com Deus. Pois seria muito estranho sem o cultivo da espiritualidade relacionada com todas as dimensões da vida e querer ser membro da casa de Deus.

A graça tem essa área de manifestação. Essa é a dimensão positiva, que envolve a renúncia às paixões imoderadas com respeito à vida deste mundo. É como no Batismo, faz-se renúncia do poder do demônio, etc. que impede e frustra a vida de filhos e filhas, cidadãos e cidadãs e aceita seguir a Jesus como Senhor e Salvador, construindo os laços de fraternidade e co-cidadania, em nosso redor, como ponteiros e antecipação do reinado de Deus. Aliás, esses três elementos estão articulados nos votos e aliança batismais. Em poucas palavras, o autor fala nessa pedagogia da graça para



este período antes do Fim. A graça volta-se para a esperança da manifestação plena da glória de Jesus Cristo. Todo esse conjunto de marcas de um estilo de vida tem caráter provisório, porém significativo, cercado e alimentado pela graça e esperança manifestas em Jesus Cristo. (ST)

Santo Evangelho: Lucas 2.1-20

O evangelista preocupa-se em situar historicamente o nascimento de Jesus, fornecendo informações bastante detalhadas. Eis aí um primeiro tema digno de ser destacado: a história impactada pelo mistério oculto na criança. O pregador talvez possa seguir o mesmo procedimento de Lucas neste natal. Lembrar alguns episódios da nossa história, dos nossos dias, das circunstâncias econômicas, sociais, políticas e culturais e, a partir daí enfatizar a contemporaneidade da mensagem do Natal: é sobre o nosso mundo, sobre nossa história, que Deus continua a debruçar-se, indicando a salvação onde menos se espera. Não se trata de mero sentimentalismo acentuar a pobreza como lugar da salvação. É perfeitamente coerente com o evangelho.

Outro ponto a destacar é a presteza e prontidão dos pastores em atender ao convite do anjo. Nos leva a meditar sobre a fé responsiva. Não a fé doutrinária, mas a fé que se transforma em envolvimento existencial, que envolve nossa existência com uma luz inesperada - fé em algo absurdo: acreditar numa voz que nos chama a adorar um menino pobre numa manjedoura, constatando que Deus é diferente e está bem mais próximo do que imaginávamos. - fé que se manifesta em acreditar na humildade e na pobreza para que brilhe em nós a luz que para nós já brilhou. A fé responsiva dos pastores que tiveram que se deslocar, sair de sua posição e dirigir-se rumo a algo incerto, nos convida também a meditar a respeito de nosso posicionamento diante do menino Jesus na época do Natal. Às vezes, tão absorvidos pela atmosfera mercantilista que tomou conta do Natal em nossa sociedade moderna, até julgamos absurdo passar um Natal sem festa, jantar, presentes etc. E tampouco nos dispomos a voltar os nossos corações aos desamparados. Preferimos pastorear a nós mesmos e nos recusamos a seguir a voz que nos leva à estrebaria.

O fato de Lucas enfatizar que o anjo apareceu aos pastores durante "as vigílias da noite" oferece uma boa opção para se destacar a comparação bíblica entre "noite" e "trevas". Mais uma vez, a mensagem natalina pode revigorar a esperança dos que vivem "nas trevas". Os pastores, as primeiras testemunhas escolhidas por Deus para contemplarem seu filho, eram pessoas que aos olhos da gente de bem vivem uma existência dúbia à margem da sociedade, pernoitando com os animais no campo e quase identificados socialmente com eles. A mensagem do Natal não pode ocultar as preferências divinas: Deus não mandou aviso aos grandes e poderosos. Não informou os reis nem cientificou os sacerdotes. Passou por cima das hierarquias. Subverteu a tudo. Os que receberam primeiro a notícia foram pastores nômades que pernoitavam ao ar livre. Jesus, nascido como nômade, peregrino, migrante, quis manifestar-se primeiro a esses segregados da vida civilizada. Os pastores viviam à margem da sociedade e da religião. Eram vistos com preconceito pelos moradores das cidades e tidos como ignorantes. Cristo fez anunciar-se precisamente a esses excluídos. Mas a



mensagem do anjo significou para eles o anúncio “de grande alegria”: Cristo é a luz divina que brilha para a humanidade

A junção de céus (anjos) e terra (pastores) adorando o menino, a criança que manifesta a glória de Deus, é um bom tema a ser explorado na Liturgia de Natal, principalmente na Oração Eucarística: “portanto, juntamente com os anjos e arcanjos e com toda a multidão celestial que não cessam de proclamar a tua glória, jubilosos, louvamos o teu nome...” (CEBC).